

Sensibilidade, dialogia e afetos no jornalismo: articulações para a ampliação do horizonte de compreensão do Outro

Sensitivity, Dialogy and Affections in Journalism: Joints to Expand the Horizon of Understanding of the Other

Mauro de Souza Ventura (Brasil)

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

mauroventura@faac.unesp.br

Tayane Aidar Abib (Brasil)

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

tayaneaabib@gmail.com

Fecha de recepción: 14 de enero de 2016

Fecha de recepción evaluador: 25 de febrero de 2016

Fecha de recepción corrección: 19 de marzo de 2016

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões sobre a possibilidade de articulação dos conceitos de sensibilidade, dialogia e afetos no jornalismo, fundamentado na hipótese de que essas associações podem ampliar o horizonte de compreensão do Outro, presente tanto na relação entre jornalista e fonte como na relação entre leitor e personagem narrado. Para tanto, trabalha-se com os estudos de Martin Buber (1979;1982), sobre a palavra-princípio EU E TU, de Cremilda Medina (2008) sobre o diálogo dos afetos, de Muniz Sodré (2006) e de Edgar Morin (2002) sobre compreensão; além da concepção de alteridade e da presença do Outro em Paul Ricoeur (1991). Essas conciliações são pensadas sob a chave da produção jornalística de Eliane Brum, com vista a demonstrar que sua prática materializa esses diálogos e, assim, contribui com novas perspectivas para a Comunicação neste sentido.

Palavras-chave: Jornalismo, Sensibilidade, Dialogia, Afeto, Compreensão.

Abstract

This article reflects on the possibility of articulating the concepts of sensitivity, dialogy and affections in journalism, based on the assumption that these associations can broaden the horizon of understanding of the Other, present both in the relationship between journalist and source as the relationship between reader and character narrated. To this end, we work with the studies of Martin Buber (1979; 1982), about the word principle ME AND YOU, of Cremilda Medina (2008) on the dialogue of affects, Muniz Sodre (2006) and Edgar Morin (2002) on understanding; beyond conception of otherness and the presence of the Other on Paul Ricoeur (1991). These reconciliations are thought under the key journalistic production Eliane Brum, in order to demonstrate that her practice materializes these dialogues and thus helps with new prospects for communication in this regard.

Keywords: Journalism, Sensitivity, Dialogy, Affection, Understanding.

Introdução

Este artigo se desenvolve a partir do interesse em refletir sobre novas possibilidades ao fazer jornalístico contemporâneo. Mais do que uma análise conceitual, busca ser um estudo propositivo que, ao dialogar com concepções de outras áreas do conhecimento, abra caminhos para novas posturas e perspectivas no cenário comunicacional.

Sendo assim, traça um percurso teórico que se articula com uma dimensão prática: associa os conceitos de sensibilidade, dialogia e afeto e aplica-os no jornalismo de Eliane Brum, aqui denominado como Jornalismo de Desacontecimentos. Com isso, tem-se por objetivo demonstrar que tais conexões permitem expandir a capacidade de compreensão acerca do universo do outro; assumindo, assim, a alteridade proposta em Ricoeur e o próprio reconhecimento de si; já que, como explica Gentil (p. 11), “esse reconhecimento de si não se dá isoladamente, mas passa pelo reconhecimento do outro e pelo reconhecimento de si pelo outro [...] O outro que me constitui na reciprocidade de um reconhecimento mútuo”.

Esta concepção parece convergir com o pensamento de Buber (1979, p. 52), segundo o qual “a alteridade essencial se instaura somente na relação Eu-Tu”, sendo essa uma palavra-princípio de relação dialógica, na qual estão na presença o “Eu como pessoa e o Tu como outro”. Nesse sentido, a apreensão do outro só pode se dar em um plano de diálogo genuíno, sob um clima de “plena reciprocidade, quando o indivíduo experiencia a relação também ‘do lado do outro’, sem, contudo, abdicar à especificidade própria. [...] Numa situação dialógica, o homem que está face a mim nunca pode ser meu objeto” (Buber, 1979, p. 8).

Por acreditar, assim como defende Eliane Brum (2013, p. 75), que a narrativa é “a chave para alcançar a complexidade – ou as várias versões – da vida do outro”, é que se assume a necessidade de fundamentar a prática jornalística no diálogo dos afetos (Medina, 2008), indissociável do nível da sensibilidade e capaz de consolidar o jornalismo como instituidor da vinculação humana na pluralidade do comum.

O jornalista, o comunicador como agente cultural, ocupa um lugar privilegiado na sociedade – não pode se contentar em exercer a função administrativa dos sentidos já estabelecidos em qualquer instância de poder. Para renovar e criar uma narrativa rigorosa, sutil e solidária, é preciso contato e o movimento: o corpo por inteiro abre a sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora (Medina, 2008, p. 109).

Essa ideia de movimento e abertura está presente em Buber (1982, p. 56) como um “voltar-se-para-o-outro” e na técnica de reportagem de Brum do despojar-se para se preencher pelos significados do outro:

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (Brum, 2008, p. 14).

A partir dessas primeiras articulações, este artigo passa a se debruçar sobre as formulações de Buber (1979; 1982) e de Medina (2008) em torno dos conceitos da palavra-princípio Eu-Tu e da relação dialógica no campo do jornalismo para, então, aprofundar-se na reflexão sobre compreensão, em Sodré (2006) e Morin (2002). Após este percurso, aplica-se tais conceitos no Jornalismo de Desacontecimentos, em um constante diálogo com as reportagens presentes no livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008), de Eliane Brum.

O que se pretende com essa análise interpretativa é, em última instância, verificar que o jornalismo também se liga a uma dimensão estética – e não apenas ao utilitário-, manifesta por sua capacidade de “fazer sentir” e, assim, criar novos sentidos acerca do mundo da vida. Busca-se, portanto, demonstrar que é possível caminhar na vertente oposta da prática midiática convencional a partir de um fazer que assuma a sensibilidade, a dialogia e o afeto; cumprindo, então, com a função do jornalismo de ampliar o horizonte de compreensão acerca do outro e de sua realidade.

A palavra-princípio Eu-Tu em dialogia com o jornalismo

Escreve Zuben (1979), no prefácio da obra *Eu e Tu*, que o maior mérito de Martin Buber está no fato de ter acentuado de um modo claro, radical e definitivo as duas atitudes distintas do homem face ao mundo ou diante do ser. Segundo o filósofo, essas atitudes se traduzem pela palavra-princípio Eu-Tu e pela palavra-princípio Eu-

Isso; sendo a primeira um ato essencial do homem, uma atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua e a segunda uma experiência pautada na utilização e na atitude objetivante. O cerne da reflexão de Buber (1979), deste modo, faz-se na filosofia do diálogo ou da relação, em que o lugar do outro se coloca como “indispensável para a nossa realização existencial” (p. 16).

Nesse sentido, o Tu se apresenta ao Eu como a sua condição de existência, já que não há um Eu em si, independente. “Em outros termos, o si-mesmo não é substância, mas relação. O Eu se torna Eu em virtude do Tu” (p. 48). A palavra-princípio Eu-Tu fundamenta, assim, o mundo da relação, que pode se realizar na esfera da vida com a natureza, com os homens e com os seres espirituais. E adverte Buber (1979): “que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade” (p. 15).

É nesta linha conceitual que Medina (2008) se apoia para afirmar a necessidade de superação da herança positiva no jornalismo e reivindicar um diálogo dos afetos para a prática noticiosa. A autora verifica a presença de marcas do paradigma positivista no trabalho do jornalista: “se Augusto Comte vocalizou as linhas mestras do cientificismo no século XIX, o jornalismo que se estruturava como o discurso de atualidade não ficou imune aos princípios doutrinários do positivismo” (p. 24). Além disso, sendo o jornalismo brasileiro um caudatário da experiência norte-americana, também ele bebeu do funcionalismo que, em grande parte, remete ao positivismo.

Quando se observa o fazer cotidiano do jornalista e a doutrina presente na formação universitária (que data também no fim do século XIX), verificam-se marcas epistemológicas herdadas do *Discurso sobre o espírito positivo*. Ou do espírito comtiano. Senão, vejamos: a noção de real e a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos; o tom informativo perante os fatos jornalísticos; a busca obsessiva pela precisão dos dados como valor de mercado; a fuga das abstrações; a delimitação de fatos determinados (Medina, 2008, p. 24).

De forma a romper com esta herança, Medina (2008) propõe uma ação comunicativa que se origine e se consuma na ética solidária, na técnica da partilha e na poética da afetividade. Isso porque o signo, tal qual para Buber (1979), acontece na cultura da relação que, por sua vez, alicerça-se no ‘estar afeto a’. Medina (2008) dialoga com Restrepo (2001) ao dizer que o mal que contamina o Ocidente é o analfabetismo afetivo. Há uma atrofia dos sentidos – olfato, tato e paladar, para além da visão e da audição – que impede que os seres humanos sejam promovidos em relação e vivam a plena prática do direito à ternura.

Ao buscar alcançar os significados que compõem a totalidade do outro – e compreendendo que essa não se faz somente de palavras - o Jornalismo de Desacontecimentos parece caminhar nesta vertente dialógica abordada por Medina.

O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um auto de silêncio (Brum, 2008, p. 191).

Essa apreensão que mobiliza os sinais dos cinco sentidos e a despoluição da consciência do repórter para a escuta se revela em *Vida até o fim*, reportagem em que Eliane acompanhou, lado-a-lado, os últimos 115 dias de vida Ailce de Oliveira Sousa, em 2008. Nessa narrativa, Brum se vale de toda dimensão afetiva para retratar os detalhes que significam e permeiam a realidade da merendeira de escolas, de modo a ampliar também a possibilidade de compreensão do leitor para com a história do outro – discussão essa que será retomada e aprofundada no próximo item deste artigo.

Essa memória olfativa feita de temperos, tocinho e doçura engendrada nas panelas de ferro da mãe acompanharam Ailce por toda a vida. Perto da morte tornam-se mais vivas. Quando as toxinas liberadas pelo tumor envenenam o corpo, e ela enjoa de tudo, Ailce lembra do feijão com carne de porco, do pão de queijo, dos biscoitos de polvilho. E sua boca castigada é afagada por uma saliva de infância. Ailce, que já não consegue comer, delicia-se em baquetes de lembranças, lambuza-se com a comida da mãe, morta anos atrás (Brum, 2008, p. 390).

Na reportagem *O homem-estatística*, do livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, Brum acompanha o dia-a-dia de Hustene Pereira, conhecido na vizinhança em Osasco-SP como Pankinha, para sentir a realidade de um pai desempregado e perceber a perda dos símbolos de sua vida e de sua família. “Então vivi a vida do Pankinha por uma semana, senti a dureza das portas que não se abriam, fiz as bolhas nos pés dos caminhos de quem não tem dinheiro para o ônibus, comi seu prato de arroz com ovo, vi Estela e seus filhos pelo filtro amoroso de seu olhar (Brum, 2008, p. 151). Essa aproximação delicada de Eliane à dimensão do outro se fundamenta a partir da sensibilidade e da afeição a qual diz Medina (2008), e se constitui como um ato de voltar-se-ao-outro, que se dá quando “tornarmos o outro presente, na sua existência específica, de forma que as situações comuns a ele e a nós mesmos sejam por nós experienciadas também do seu lado, do lado do outro” (Buber, 1982, p. 58).

É neste sentido que Caco Barcellos afirma, no prefácio de *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, que “reportagem, para Eliane, é um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem” (Brum, 2008, p. 10). Está-se diante, assim, de um encontro em que tanto o Eu como o Tu se modificam: “alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo, ou seja, realizou-se o Diálogo Possível” (Medina, 2008, p. 7).

Toda reportagem é um encontro. É algo especial – e a gente sabe quando acontece. Por isso não acredito em história arrancada. Quando me perguntam qual é a minha “técnica” de entrevista, nunca sei o que dizer. Não conheço nem me interesso pelas técnicas de colegas que se orgulham de “arrancar” respostas, confissões das pessoas. Se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança (Brum, 2008, p. 150).

A articulação entre sensibilidade, dialogia e afetos se revela, portanto, no fazer jornalístico de Eliane Brum, disposta à arte de olhar e de escutar, ao se esvaziar para se deixar preencher pelas significações do outro, à atitude de uma repórter que se coloca como “escutadeira” (Brum, 2013, p. 13) e enxerga em suas fontes a reciprocidade, a confiança. Brum coloca-se, assim, como “repórter criadora” (Medina, 2008), por aceitar o desafio da interação social e o transformar numa obra de arte social:

Alguns traços revelam o grande toque mágico do entrevistador: uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir que é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade, por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado (Medina, 2008, p. 30).

Na prática jornalística de Brum evidencia-se a reciprocidade da doação, abordada por Buber (1979), em que “tu lhe dizes Tu, e te entregas a ele; ele te diz TU e se entrega a ti” (p. 43). Essa relação viva e recíproca, segundo o filósofo, “implica sentimentos” (p. 57). Em *Vida até o fim* – já abordada anteriormente – Brum não hesita em manifestar as relações de intersubjetividade que permearam a reportagem, marcada pelos elementos centrais apresentados neste trabalho: a sensibilidade, a dialogia, o afeto e a compreensão do outro.

Só depois fui capaz de perceber a dimensão do que ela havia me dado. Ninguém confiara em mim como ela. Eu escreveria sua história, e ela estaria morta. Pela primeira vez, a personagem principal de uma reportagem – por premissa, não por acidente – não estaria viva para lê-la. Ailce se entregara inteira nas minhas mãos de escritora [...] O que eu dera a ela quando estava viva? Não tenho certeza. Fui companhia, fui ouvido e, algumas vezes, fui âncora [...] Pingar gotas de água em sua boca quando ela já não tinha forças para segurar o copo, ou ajudar a lhe dar banho quando não havia ninguém mais que o fizesse ... estas nem sequer dizem respeito ao jornalismo. Só à humanidade (Brum, 2008, pp. 419-420).

Também em *Um país chamado Brasilândia*, Eliane busca alcançar o mundo de sutilezas presente no outro; dimensão essa que só pode ser conquistada no plano do sensível, das apreensões de nuances subjetivas, do encontro dialógico. Nesta narrativa, a repórter passa alguns dias nesta vila da zona norte de São Paulo, com o intento de “mostrar o que sempre esteve lá, encoberto pela violência. Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são expostos, o que se oculta é a delicadeza” (Brum, 2008, p. 286). E apresenta ao seu leitor uma Brasilândia na qual “se ama muito, com a

intensidade de quem coloca o amor acima de todas as aspirações ... ama-se desbragadamente. Vale para as pessoas – vale para os cães” (p. 296).

Ao retratar as relações dos habitantes da vila, e também de seus animais, Brum descascou as camadas de concreto da Brasilândia e compreendeu que, para além da brutalidade do desemprego ou dos baixos salários, do crime e da contravenção, da falta de tanto, havia um universo de subjetividades que mantinham a vida apesar da violência. Para tanto, foi preciso um ato imersão da jornalista na realidade do outro, sem se esquivar da possibilidade do encontro transformador: “me lançava diretamente para dentro – eu, que como repórter sempre tive o conforto de me manter no lado de fora, olhando a vida dos outros pela janela” (p. 306).

Ao empreender esse percurso pelas concepções teóricas de Martin Buber (1979,1982) e Cremilda Medina (2008) em contato com as produções do Jornalismo de Desacontecimentos, buscou-se demonstrar a possibilidade de desdobramento da palavra-princípio Eu-Tu no modo de fazer jornalismo, com enfoque propositivo para uma relação dialógica e de afeto entre jornalista e fonte. Acredita-se que a presença dessas marcas de sensível na narrativa jornalística podem abrir caminhos para a expansão do horizonte de compreensão acerca do universo do outro, também no que diz respeito à relação entre leitor e personagem narrado.

Neste sentido, o próximo item deste estudo se aprofunda nos conceitos de compreensão sob a ótica de Sodré (2006) e Morin (2002), com o intuito de abordar a presença do outro nos textos de Brum.

A compreensão do outro: reconhecimento e alteridade no Jornalismo de Desacontecimentos

Aponta Morin (2002) que o problema da compreensão tornou-se crucial para os seres humanos: “a comunicação triunfa, o planeta é atravessado por redes, fax, telefones, celulares, modems, Internet. Entretanto, a incompreensão permanece geral [...] E, por este motivo, a compreensão humana deve ser uma das finalidades da educação do futuro” (p. 93). A compreensão abordada por ele não é compreensão intelectual ou objetiva, que passa pela inteligibilidade e pela explicação. Em *Sete saberes necessários à Educação do Futuro*, Morin (2002) se refere à necessidade de ensinar a compreensão humana intersubjetiva, como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

Sodré parece partilhar deste pensamento ao afirmar que:

Na hiperinformação, algo da vida parece degradar-se em função da crescente mercantilização dos tempos sociais, quando não se suscita o conhecimento proveniente da identificação e diferenciação comunitárias (onde prevalece o campo afetivo), que é o conhecimento compreensivo. Na base de uma experiência ontológica da comunicação, encontra-se o problema da compreensão, suscitado pela vinculação inerente ao comum (Sodré, 2006, p. 67).

Os autores mencionados tratam de uma compreensão que comporta um conhecimento de sujeito a sujeito, em que “o outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o ego alter que se torna alter ego” (Morin, 2002, p. 95). É por isso que, para Morin, compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. “Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (Morin, 2002, p. 95).

Essa função de abertura entre os homens é colocada por Buber (1982) como um “auxílio ao vir a ser do homem enquanto ser-próprio, é a assistência mútua na realização do ser-próprio da natureza humana conforme a criação, é isto que leva o inter-humano à sua verdadeira altura” (p. 152). Assim, apreende-se que a compreensão do outro requer a abertura subjetiva e simpática em relação ao outro.

Explica Sodré (2006) que compreender, do latim *cum-prehendere*, significa agarrar as coisas com as mãos, abarcar com os braços e dela não se separar. Sendo assim, enquanto no entendimento explicativo o fenômeno fica subsumido a uma lei geral, na compreensão o fenômeno guarda a sua singularidade. Neste sentido, “o requisito essencial da compreensão é, assim, o vínculo com a coisa que se aborda, com o outro, com a pluralidade dos outros, com o mundo” (p. 68).

O compreender, portanto, é próprio da dimensão do sensível e tem como requisito o vínculo, que é instaurado pelo comum e apontado por Sodré (2006) não como um mero estar-juntos, mas como a “sintonia sensível das singularidades, capaz de produzir uma similitude harmonizadora do diverso” (p. 69). A questão do comum também é abordada por Buber (1982), quando se refere à comunidade como um “estar um-com-o-outro, de uma multidão de pessoas que, embora movimente-se juntas em direção a um objetivo, experiencia em todo lugar um dirigir-se-um-ao-outro, um face-a-face dinâmico, um fluir do Eu para o Tu” (p. 66).

O mecanismo da compreensão manifesta-se, desta forma, no afeto, território próprio da estesia, no interior da reciprocidade, e favorece-se, segundo Morin (2002), com o ‘bem-pensar’ e com a ‘introspecção’. O bem-pensar seria o modo que permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o multidimensional, as condições objetivas e subjetivas. A introspecção consiste na prática mental do auto-exame permanente, a via necessária para a compreensão do outro. “O auto-exame crítico permite que nos descentremos em relação a nós mesmos e, por conseguinte, que reconheçamos e julguemos nosso egocentrismo. Permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas” (p. 100).

Pode-se articular essa ideia de compreensão ao movimento básico dialógico, proposto por Buber (1982), fundamentado no voltar-se-para-o-outro.

Aparentemente trata-se de algo que acontece toda hora, algo banal; quando olhamos para alguém, quando lhe dirigimos a palavra, é com um movimento natural do corpo

que a ele nos voltamos; porém, na medida do necessário, quando a ele dirigimos a nossa atenção, fazemo-lo também com a alma. Mas qual é, em tudo isto, a ação essencial, realizada com a essência do ser? Da incapacidade de apreendermos totalmente o que nos cerca, emerge esta pessoa singular e transforma-se numa presença; e eis que, na nossa percepção, o mundo cessa de ser uma multiplicidade indiferente de pontos (Buber, 1982, p. 57).

Esse movimento envolve o ‘tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de ser’, o que implica experienciá-lo como uma totalidade, sem abstrações que o reduzam. “O conhecimento íntimo só se torna possível quando me coloco de uma forma elementar em relação com o outro, portanto quando ele se torna presença para mim. É por isso que designo a tomada de conhecimento íntimo neste sentido especial como o tornar-se presente da pessoa” (Buber, 1982, p. 147).

A questão da presença do outro é abordada por Gentil em seu artigo para a revista *Mente, Cérebro e Filosofia*. Nele, o autor reflete sobre a atenção de Ricoeur ao diálogo com outro e sobre a sua busca por compreendê-lo em sua alteridade própria. Evidencia-se, então, essa perspectiva da compreensão do outro também presente em Ricoeur:

Esse outro não é acessório à constituição do sujeito nem lhe é simplesmente exterior, não mantém com ele uma relação contingente que possa ser cortada ou descartada. Esse outro é ontologicamente constitutivo desse sujeito. Só poderemos compreender o que é o sujeito humano se compreendermos de que maneira esse outro está presente nele de forma assim tão íntima (Gentil, S/A, p. 9).

Assumindo esta dimensão sensível e afetiva da compreensão, fundamentada pelo vínculo e realizada através de um movimento em direção ao outro, propõe-se articulações com o Jornalismo de Desacontecimentos, no sentido de evidenciar em suas produções a possibilidade de compreensão do universo do outro pelo leitor. Acredita-se que os elementos da dialogia presentes na prática de Brum são capazes de proporcionar aos sujeitos novos sentidos, maior profundidade de pensamento e reflexão.

Em *Mães vivas de uma geração morta*, de *O olho da rua*, Eliane reportou a realidade do tráfico de drogas a partir da perspectiva das mães dos garotos envolvidos com o crime. “Nesta reportagem, a guerra brasileira é revelada pelo olhar e pela voz das mães dos mortos no tráfico” (Brum, 2008, p. 204). A jornalista se propôs a adentrar o cotidiano das mulheres que perderam seus filhos para o tráfico e que, tantas vezes, pela visão já estereotipada que circula nas mídias, foram despersonalizadas e tratadas como invisíveis.

Ao se despojar dos pré-conceitos para com os envolvidos com as drogas e se entregar à escuta dos testemunhos que oito mães tinham a oferecer, Eliane conseguiu apreender uma nova dimensão para sua reportagem. “No avesso dos garotos mortos estavam as mulheres que sobreviviam ao que na nossa cultura é a maior de todas as dores, a de enterrar um filho” (Brum, 2008, p. 240). O jornalismo de Brum cedeu

espaço para que os que estavam à margem da narrativa se manifestassem e não hesitou em assumir os sentimentos que também assolam essas mulheres, apesar da frieza do tráfico. “No meio da noite, Enilda acorda. Ouve alguém lá fora chamando: ‘mãe’. Enilda levanta, abre a porta. ‘Nunca tem ninguém, meu marido fica bravo porque eu abro a porta. Eu volto para a cama e choro até de manhã’” (Brum, 2008, p. 216).

Ao ser fiel às declarações de cada mãe, em um movimento aberto ao outro, Eliane deu ao leitor a oportunidade de conhecer e compreender o universo dessas mulheres, e também todas as motivações que as faziam sobreviver nessa realidade.

Essa luta da mãe para dar na morte a dignidade que não alcançou na vida de seus meninos é sua única esperança de paz ... Como ela esfrega, engoma e passa mais de setenta peças de roupa, na mão, e ao final ganha 25 reais? Como seu marido acorda às três horas da madrugada para fazer pão até a noite para receber oitenta reais por mês? Não seria essa a notícia? Que eles ignorem a exploração explícita do trabalho, a indignidade de suas condições de vida, e decidam que seu ato de resistência é ser honesto? (Brum, 2008, p. 215).

Sob esta perspectiva, pensa-se no Jornalismo de Desacontecimentos como narrador de palavras que agem. De palavras que, ao se materializarem como escrita, conseguem atingir o cerne das problemáticas sociais e propor mudanças. De palavras que, ao alcançarem o leitor, conseguem desacomodá-lo. “É possível percorrer toda a coleção de misérias humanas em 24 horas. A maioria dos programas é feita não para que possamos ver – mas para que possamos continuar não vendo” (Brum, 2008, p. 236). A diferença desta prática convencional para com o fazer jornalístico de Brum é que esse assume o desafio de olhar para ver. “E olhar para ver é perceber a realidade invisível – ou deliberadamente colocada nas sombras. É o ato cotidiano de resistência de cada repórter, de cada pessoa” (p. 241).

Quando Brum assume, em sua narrativa, que a definição ‘mãe de bandido’ não dá conta do todo que essas mulheres são, aproxima de nossa realidade esse outro que queremos transformar quase em uma ‘espécie diferente’, para assim poder ignorá-lo. E esse é um obstáculo à compreensão humana apontado por Morin (2002): “são não somente a indiferença, mas também o egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum se situarem no centro do mundo e considerar como secundário, insignificante ou hostil tudo o que é estranho ou distante (p. 96)”. E acrescenta: “tanto é o modo de pensar dominante, redutor e simplificador, aliado aos mecanismos de incompreensão, que determina a redução da personalidade, múltipla por natureza, a um único de seus traços” (p. 98).

Meu objetivo, ao fazer a reportagem, era olhar para elas – olhar para vê-las. A cada narrativa busquei contar não só das palavras, mas da forma de falar, dos gestos que desmentiam o que era dito, das repetições, das negações, dos silêncios. Como Eva, da Brasilândia, que repetia três vezes o final de cada frase – e dizia que não sentia mais dor chorando. Eu queria dar ao leitor a oportunidade de ver pelos meus olhos os detalhes, as texturas, as ausências e os excessos do seu inferno pessoal – e também todas as nuances

do que as fazia sobreviver. O desafio era mostrar uma imagem inteira dessas mulheres e assim aproximá-las do leitor, de modo que não pudessem mais ser ignoradas, que se tornasse inescapável reconhecê-las na rua, no trabalho em casa. Acredito que, num país tão desigual como o Brasil, é missão da imprensa aproximar os mundos. E só o encontro honesto, verdadeiro, permite reconhecimento e transformação (Brum, 2008, p. 243).

Faz-se possível perceber, portanto, que Eliane assume o outro em suas narrativas e esforça-se para transparecer essa presença, para que ela também seja apreendida pelo seu leitor. O reconhecimento do outro no Jornalismo de Desacontecimentos busca a transformação a partir de um olhar diferente, capaz de fazer refletir. “Escrevo sobre a extraordinária vida comum [...] sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia” (Brum, 2013, p. 13).

Defende-se, desta forma, que a prática de Brum concilia os conceitos de sensibilidade, dialogia e afeto no jornalismo e assim torna possível para o seu leitor a compreensão humana ou subjetiva, que evidencia o vínculo e o pertencer ao comum, tal como propõe Sodré (2006).

Considerações finais

A proposta de se pensar em um fazer jornalístico imerso no plano do sensível e do dialógico sustenta-se na acepção de que é possível ligar o jornalismo a uma dimensão estética, compreendendo-o em sua capacidade de fazer sentir, isto é, de proporcionar ao leitor uma experiência de produção de sentidos, tornando-o, assim, mais aberto ao encontro genuíno com o outro. Para isso, acredita-se, tal qual Medina (2006;2008), que é preciso fundamentar a prática jornalística em um diálogo que dê conta da interação humana criadora, ou seja, daquela que é capaz de modificar os envolvidos e fazê-los crescer no conhecimento do mundo e deles próprios.

Atrevo-me a pleitear a presença poética na comunicação social. A barreira reside no fato de que nem mesmo superamos a transmissão tecnicista das informações para atingir a estética da comunicação, muito menos a ética da comunhão. Sonhar é preciso, porque temos potencialmente recursos para produzir sentidos em que ética, técnica e estética estejam a serviço de uma estratégia humanizadora do jornalismo. Relacionar é comungar, e interação social criadora é levar a comunicação à comunhão. O jornalista deve, então, cultivar o desejo profundo de ele também ser um poeta de seu tempo (Medina, 2006, p. 123).

Defende-se, portanto, que a articulação da sensibilidade, da dialogia e dos afetos no campo do jornalismo amplia a possibilidade dessa experiência de compreensão do outro em sua totalidade, seja no nível da relação entre jornalista e fonte e também da relação entre leitor e personagem narrado. Isso porque esses dois níveis coexistem em um plano de interdependência: é somente ao estabelecer uma relação de reciprocidade entre jornalista e fonte – nos moldes da palavra-princípio Eu-Tu, de Buber (1979) -, que

se pode gerar no leitor a compreensão humana (Morin, 2002) acerca da presença do outro em si-mesmo (Ricoeur, 1913), tal qual manifesta Brum em sua prática noticiosa: “não existiria esse eu sem todos esses outros” (Brum, 2014, arquivo pessoal).

Desta forma, este artigo buscou, mais do que conciliar essas concepções, materializá-las nas produções jornalísticas de Eliane Brum. Ao ancorar o seu fazer nos desacontecimentos, Brum propõe um jornalismo interessado nos significados que cada ser humano dá a sua vida. E essa apreensão se dá pela técnica de observação e escuta – a arte do olhar e do escutar –, inserida nesse movimento de “voltar-se-para-outro”, a que se refere Buber (1982).

A partir do relato do cotidiano de pessoas anônimas, Brum apreende o singular e o comum manifesto em cada vida. É por isso que seus textos retratam mais do que o dia-a-dia das pessoas: eles tecem a grande narrativa a que todos nós pertencemos, pois no indivíduo também se encontra o todo. Suas produções revelam, assim, a iniciativa de reportar as problemáticas enraizadas em nossa sociedade: morte, violência, tráfico, desmatamento, corrupção, desemprego, pobreza, analfabetismo, desigualdade social, entre tantas outras que permanecem estigmatizando a realidade que vivemos.

Nesse sentido, evidencia-se no Jornalismo de Desacontecimentos um interesse em tratar a condição humana (Morin, 2002), isto é, reconhecer que o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo, de modo que, ele próprio é capaz de constituir um cosmo.

A sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele (Morin, 2002, p. 38).

As reportagens de Brum possibilitam, portanto, a compreensão da unidade na diversidade e da diversidade na unidade. “É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno” (Morin, 2002, p. 55). É nesta linha que se defende que seus textos, a partir da dialogia no encontro e da sensibilidade na mobilização dos sentidos, conseguem inserir o leitor em uma coletividade, de forma a expandir sua capacidade de vinculação ao outro e do se ‘sentir parte’ – ideias essas contidas nas formulações dos autores referenciados neste estudo.

“Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar” (Brum, 2006, p. 187). E é a partir desse olhar capaz de assumir a presença do outro que Eliane Brum dá a Zés e Marias do Brasil a envergadura de personagens que merecem figurar o centro da narrativa, revertendo um dos mais arraigados dogmas da imprensa, e imprimindo a sensibilidade, a dialogia e os afetos ao fazer jornalístico contemporâneo.

Referências bibliográficas

- Brum, E. (2006). *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Brum, E. (2008). *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.
- Brum, E. (2014). *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya Brasil.
- Buber, M. (1979). *Eu e tu*. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva,
- Gentil, H. Paul Ricoeur: a presença do outro. En *Mente, Cérebro e Filosofia*. n. 11, s/d, p. 7-15.
- Medina, C. (2003). *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus.
- Medina, C. (2006). *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus.
- Medina, C. (2008). *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus.
- Medina, C. (2008). *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco.
- Restrepo, L. (1998). *O direito à ternura*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes.
- Sodré, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes.